



Ano I Nº 229

11 Abril 2007

Índice

O Brasil na OMC	01
Acordo da Gerdau no Canadá	03
Indústria automotiva no Mundo	03
Protesto de Imigrantes nos EUA	04

INTERNACIONAL

O Brasil na OMC

A Secretaria de Relações Internacionais da CUT realizou no mês passado um Seminário de Planejamento de seu Coletivo Internacional, reunindo as confederações e federações nacionais para discutir as atividades na área internacional e suas prioridades.

A SRI convidou o ministro Roberto Azevedo, Subsecretário de Assuntos Econômicos e Comerciais do Itamaraty para informar aos participantes sobre as negociações na OMC. Ele debateu as posições do Brasil na OMC, no G20, nas negociações do NAMA (negociações não agrícolas).

Nesta semana que o Brasil encontra-se reunido na Índia com os Estados Unidos e União Européia, além do anfitrião, para discutir um impulso na Rodada de Doha da OMC, nada mais oportuno que conhecer a exposição do ministro Azevedo, já que ele é o coordenador da delegação brasileira na OMC.

Em sua palestra o ministro Azevedo historiou as negociações da Rodada de Doha, principalmente desde a sua crise há cerca de um ano, surgida do impasse nas negociações do setor agrícola.



Segundo ele, Doha recebeu o seu “tiro de misericórdia” da negociadora dos Estados Unidos, Susan Schawb, com a negativa da Casa Branca em fazer maiores concessões nessas negociações, diminuindo os subsídios agrícolas concedidos pelo governo norte-americano.

Para Azevedo, a negociação agrícola é considerada um ponto essencial para o Itamaraty, pois trata-se de uma dívida dos países desenvolvidos cuja discussão já vai para 60 anos – considerando-se que o GATT que deu origem à OMC é de 1947. Os países ricos sempre se negaram a abrir seus mercados para os países pobres, distorcendo os mercados agrícolas com seu protecionismo e prejudicando fortemente os países mais pobres.

Segundo ele informou, existe uma tendência hoje dos países desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos, de aumentarem os subsídios à seus produtores agrícolas ao invés de diminuí-los. Para o Itamaraty, a OMC é um instrumento concreto para fazer pressão nessa questão.

Para Azevedo, as negociações encontram-se paradas, existindo apenas conversas bilaterais para a retomada efetiva das negociações. Um mês depois das afirmações do ministro, a situação continua igual, mesmo depois do encontro do nosso presidente Lula com Bush. É o que mostra a reunião em Nova Déli.

Apesar das negociações estarem estagnadas, existem algumas tentativas de inovar na negociação agrícola, onde procura-se discutir os subsídios dados a cada produto agrícola e não o total dos subsídios do país. Isso é interessante, pois para os produtores brasileiros interessa,

por exemplo, os subsídios dados à soja e que distorcem esse mercado e não o total geral. E assim por diante em cada país. É o G20 que impulsiona essa discussão.

Se as negociações agrícolas pouco avançaram, o que dizer das negociações da NAMA. Essas negociações, "de produtos não-agrícolas" na sigla em inglês, são as que mais nos interessam, pois eles abrangem exatamente o setor industrial. O resultado dessas negociações pode ameaçar fortemente nossos empregos, porque se houver fortes concessões nas tarifas de importação de bens industriais os produtos estrangeiros ficarão mais baratos e ameaçarão nossa indústria.

Por exemplo, os automóveis importados pagam uma tarifa de importação de 35% sobre seu valor além dos outros impostos. Uma baixa nessa tarifa pode aumentar a importação de veículos e cortar postos de trabalho nas montadoras e nas autopeças. Esse exemplo serve para todo o setor metalúrgico, que já enfrenta a concorrência de outros países, principalmente devido ao baixo valor do dólar.

Para ele o tema da NAMA está ainda em discussões preliminares, com mais atraso que as negociações agrícolas. Ele não vê grandes ameaças porque o governo brasileiro deixou claro que é inaceitável a proposta apresentada por negociadores da Europa que previa grandes concessões dos países em desenvolvimento. Foi importante ouvir o funcionário brasileiro dizer que não se pode comparar o que se poderá ganhar na mesa de negociação agrícola com o que se pode perder nas negociações industriais.

Para Azevedo, o Brasil pode fazer concessões nas tarifas industriais pois existe uma diferença entre as tarifas estabelecidas ("consolidadas") pelo país na OMC e as efetivamente praticadas (que são muito menores). Mas ele reconheceu que com essas concessões o Brasil perderia margem de manobra para suas políticas em defesa da indústria nacional.

Quanto aos serviços, outro setor em discussão na OMC, ele disse que a legislação brasileira é liberal para os alguns serviços, por exemplo de telecomunicação e financeiros, e que nesses setores poderiam ser feitas concessões tarifárias e normativas. Mas para outros setores, os essenciais como saúde, educação e audiovisual, não haveria concessões.

Na reunião foi cobrado o fato das posições brasileiras terem sido tomadas sem qualquer consulta aos trabalhadores. O ministro Azevedo prometeu estabelecer alguma forma de consulta, mas sem qualquer proposta concreta.

O texto acima foi construído com base nas observações do companheiro Gustavo da Secretaria de Relações Internacionais da CUT, que não é responsável, obviamente, por suas omissões. Mais informações sobre a questão podem ser encontradas na carta que a CUT enviou ao ministro Celso Amorim – veja em <http://www.cnmcut.org.br/verCont.asp?id=4036>

Brasil, EUA, UE e Índia aparam arestas na OMC, diz Amorim

Estados Unidos, União Européia, Índia e Brasil fazem avanços que já duram cinco anos para chegar a um consenso nas atuais conversações no âmbito da Organização Mundial de Comércio (OMC), disse ontem o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim em Nova Déli, na Índia.

""As diferenças vão diminuindo vagarosamente", disse à imprensa. ""Prevejo que chegaremos aos contornos gerais do cronograma e dos processos com estas conversações." Amorim se reúne com a representante de Comércio dos EUA, Susan Schwab, o comissário de Comércio da UE, Peter Mandelson, e o ministro do Comércio da Índia, Kamal Nath. As negociações têm seu final marcado para amanhã.

Segundo Mandelson, os negociadores precisam alcançar, no encontro, solução que faça as negociações avançarem ou se arriscam a perder a chance de firmar acordo mundial em 2007.

Um consenso entre os quatro governos é um dos pré-requisitos para que os demais membros da OMC cheguem a um compromisso sobre corte dos subsídios aos agricultores, redução das tarifas alfandegárias sobre importações de máquinas e abertura dos mercados a bancos ou seguradoras estrangeiras, acelerando, ao mesmo tempo, as vistorias dos produtos que cruzam as fronteiras. (BLOOMBERG) *(Folha de S.Paulo, 12.04.2007)*

Acordo da Gerdau no Canadá

Gerdau Ameristeel anuncia acordo com sindicato em Whitby.

A Gerdau Ameristeel Corporation anunciou hoje que chegou a um acordo para um novo contrato de trabalho com o sindicato dos metalúrgicos (United Steelworkers - USW) em sua unidade de Whitby, no Canadá. O novo contrato, efetivo a partir de 28 de fevereiro de 2007, tem vigência até 27 de fevereiro de 2010.

Entre os termos acordados, destacam-se a permissão para que o presidente e os responsáveis pela saúde e segurança no trabalho do sindicato local tenham um encontro de 1 hora com os empregados que forem contratados pela companhia, para que o trabalhador conheça de perto a atuação sindical na Gerdau.

Além disso, há garantias para que sejam concedidas folgas durante 5 dias úteis na ocasião da morte de parentes próximos e o direito do sindicato fazer queixas em nome de funcionários que foram demitidos no período de experiência.

Haverá aumentos no valor da hora trabalhada, com destaque para a remuneração do funcionário que trabalhar no reveillon, que foi adicionado aos feriados em que o trabalhador receberá o pagamento do dia em dobro.

Na parte da saúde, o seguro de vida dos funcionários passou de US\$60 mil, para US\$80 mil e, na questão da aposentadoria, a família do empregado retirante poderá receber um salário tampão que varia entre US\$1 mil e US\$2 mil durante um período de 2 anos.

Entenda o caso clicando aqui e veja todos os termos do contrato (em inglês), fazendo o download do arquivo no link que está logo abaixo.

[Acordo Gerdau-USW](#) (formato DOC, 114 Kb)

Indústria automotiva no Mundo

FITIM publica informe sobre a indústria auto no mundo

O informe fala também da indústria de veículos motorizados na Rússia e na Índia e sobre a reestruturação global do setor.

A Federação Internacional dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas (FITIM), publicou seu informe de 2006/07 sobre a indústria motor mundial, prestando expressamente atenção ao setor automotivo Indiano e Russo, assim como os desafios da reestruturação em curso. A publicação, intitulada 'Informe Auto da FITIM 2006/07, serve de recurso para descrever e atualizar as tendências da indústria e os fins para contribuir para o intercâmbio de informação. Aporta também idéias úteis aos afiliados e seus membros, assim como aos demais protagonistas da indústria.

O Informe Auto 2006/07 compreende capítulos sobre:

- Reestruturação da indústria do automóvel: Desafios e respostas
- Perfis dos setores do automóvel russo e indiano
- Tendências dos emprego
- Perfil da produção mundial
- Panorama das vendas de veículos novos

'Os trabalhadores metalúrgicos da indústria mundial de automóvel seguem experimentando consequências muito variadas e difíceis devido à reestruturação nos últimos anos, que teve repercussões tão grandes como em qualquer outro momento da história', comentou o secretário geral da FITIM, Marcello Malentacchi. 'A força dos afiliados da Federação Internacional dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas para responder a estes desafios e proteger os interesses dos trabalhadores afetados teve uma enorme importância, mas os contínuos objetivos da reestruturação colocam de manifesto as responsabilidades dos empregadores e dos governos para garantir resultados socialmente aceitáveis e equitativos para todos'.

'As tendências da indústria na Índia e na Rússia apresentam novidades, ao mesmo tempo que refletem de maneira essencial uma intensificação das dificuldades existentes. A influência dominante das empresas transnacionais sobre a orientação da globalização e os novos mercados e lugares de produção que englobam tem estado acompanhada de enormes diferenças entre ricos e pobres, e a conseguinte extensão da insegurança e da maior resistências a essas tendências inaceitáveis', disse Malentacchi.

A versão em espanhol está no link logo abaixo.

[FITIM Informe Auto 2006-07](#) (formato PDF, 629 Kb)

Protesto de Imigrantes nos EUA

Imigrantes protestam em Los Angeles contra plano de Bush

Os organizadores esperam que milhares de pessoas participem no sábado da manifestação. A reforma sugerida pela Casa Branca daria vistos de trabalho aos migrantes sem documentos, porém os obrigaria a regressar antes a seu país e lhes imporiam multas onerosas antes que possam ser residentes legais nos Estados Unidos.

Os defensores dos direitos dos imigrantes disseram que muitos dos que não têm documentos naquela área se sentem traídos pelo presidente George W. Bush, a quem tinham considerado um aliado.

"Estamos realmente indignados", disse Juan José Gutiérrez, presidente do Movimento Latino USA, com sede em Los Angeles, uma das várias organizações que convocaram para o protesto de sábado. "Durante anos, o presidente falou com firmeza em apoiar a reforma da imigração... e agora surge este tipo de plano, e a gente se sente frustrado".

A agenda da Casa Branca, conseguida pela imprensa na semana passada, convoca para o estabelecimento de um novo visto "Z" que permitiria aos "indocumentados" solicitar as permissões de três anos para trabalhar no país. As autorizações poderiam ser referendadas por tempo indefinido, mas cada renovação custaria 3.500 dólares.

Para obter um visto de permanência e se tornar residentes legais e permanentes, os "indocumentados" teriam que regressar a seu país de origem, apresentar uma solicitação ante uma embaixada ou consulado estadunidense e pagar uma multa de 10.000 dólares.

A proposta foi duramente criticada pelos grupos defensores dos hispanos, os democratas, a Igreja católica e os sindicatos que têm muitos imigrantes em suas fileiras. Os inconformados argumentam que o custo dos vistos e o pedido do "green card" -- que totalizariam mais de 20.000 dólares-- são proibitivos para quem ganha salários baixos.

Este plano é muito mais conservador que o aprovado no ano anterior pelo Senado, com apoio dos partidos e de Bush. Esse plano tinha permitido que muitos dos aproximadamente 12 milhões de "indocumentados" permaneceram nos Estados Unidos, trabalharam e solicitaram a residência legal, depois de aprender inglês, pagar multas e impostos módicos e submeter-se a uma revisão dos seus antecedentes.

Mitos conservadores no Senado se opuseram ao plano, que tampouco conseguiu força na Câmara de Representantes, controlada, então, pelos Republicanos. No final de 2005, os representantes aprovaram a reforma punitiva de imigração que desgostou às comunidades de imigrantes e provocou protestos massivos. (Arnaldo Zenteno - Cristianos Nicaraguenses por los Pobres) (*ADITAL*, 09.04.2007)

Imigrantes, Protagonistas de Outra Integração

Luiz Bassegio-SPM *

O significado mais importante das migrações, no mundo atual, não é nem o número absoluto de migrantes, nem o volume das remessas; é o seu conteúdo político que deve nos chamar a atenção. As migrações são, ao mesmo tempo, denúncia das políticas econômicas que não geram postos de trabalho e de todas as formas de discriminação e anúncio de que outro mundo é possível e necessário. O fato de milhões de pessoas deixarem seus países aponta para a necessidade de mudanças profundas não só nas políticas públicas de cada país, mas também nas relações internacionais e nas políticas que geram dependência dos países pobres para com os ricos.

* Secretário Executivo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), CNBB